

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIENCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Percepções e representações sobre trabalho doméstico de mulheres donas de casa no bairro das Mahotas em Maputo

Dissertação apresentada como cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Candidato:

Cassiano Justino Matsinhe

Supervisor:

Dr. Alexandre Mate

Maputo, Abril de 2012

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia

Tema: Percepções e Representações sobre trabalho doméstico de mulheres donas de casa no Bairro das Mahotas em Maputo

Relatório de Pesquisa submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.

O Júri:

Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Abril de 2012

Índice

Página

Declaração.....	i
Dedicatória	ii
Agradecimento.....	iii
Abreviaturas.....	iv
Resumo.....	v
Introdução.....	1
Conceitos chaves.....	5
Metodologia.....	11
Constrangimentos.....	13
Localização da área do Estudo.....	14
Resultado do estudo.....	16
Significados atribuídos ao trabalho doméstico.....	19
Os cuidados e as actividades com as crianças.....	22
Considerações finais	25
Referências Bibliográfica.....	26

Declaração

Declaro por minha honra que este trabalho nunca foi publicado na sua essência e em partes para obtenção de qualquer grau académico. Trata-se do resultado de uma investigação por mim desenvolvida, estando nas referências bibliográficas todas as obras por mim consultadas.

Maputo, Abril de 2012

(Cassiano Justino Matsinhe)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos, amigos e professores, em particular Amélia (minha mãe), a Leocádia, ao Victor, a Lizia, a Kerren, a kylya e a Edna pela paciência e perseverança que tiveram ao me incentivarem para a conclusão do trabalho Final.

Agradecimentos

Agradeço em primeira instância, a Universidade Eduardo Mondlane que tornou possível a materialização dos meus objectivos. Em segundo lugar, agradeço a Women and law in Southern Africa, ao Secretariado do bairro das mahotas, pois lá pude colher informações que facilitaram a realização do presente trabalho.

Agradeço particularmente a profesora Xenia, docente paciente e incansável. Ao meu supervisor Dr. Alexandre Mate que disponibilizou o seu tempo guiando-me neste percurso, tecendo críticas e comentários em torno do meu trabalho.

Os meus agradecimentos são extensivos a todos os docentes do departamento de Arqueologia e Antropologia que não pouparam nenhum esforço na mediação do saber científico de modo a tornar real a minha formação e a todos que directa ou indirectamente contribuíram para a concretização deste objectivo.

Finalmente, os meus agradecimentos vão para todos os que me deram o apoio material e moral para a realização do meu trabalho e os meus colegas do curso de licenciatura em Antropologia: Lino, Cintia, Muhale, Caldas, Timbana, Matlava, Modesto, Marquel, Djive, Jota Jota e Marcente o meu muito obrigado

Abreviaturas

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

FLCS – Faculdade de Letras e Ciências Sociais

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

CEA – Centro de Estudos Africanos

WLSA – Women and Law in Southern Africa

Resumo

Movido pelos discursos académicos em torno do trabalho doméstico que está intimamente ligado a relações de género e da divisão sexual das tarefas na família, o presente relatório pretende compreender o papel social e o valor simbólico que as mulheres donas de casa têm sobre as actividades domésticas.

Os dados foram recolhidos no Bairro das Mahotas Distrito Municipal KaMavota, cidade de Maputo no intervalo de três meses. A recolha dos dados foi através da observação directa com recurso a entrevistas semi-estruturados.

Os dados preliminares consideram trabalho doméstico invisível, desqualificado pertencente ao espaço privado e, dão mais ênfase ao trabalho doméstico remunerado e aos papéis realizados pelo homem no espaço público, negligenciado o papel e o valor social que este é atribuído pelas mulheres (Aguiar, 1984 e Lagos 2009).

O trabalho doméstico é realizado pelas mulheres com apoio dos filhos e dos outros membros da família. São várias as actividades realizadas, que vão desde a limpeza da casa, engomar, lavar roupa, cozinhar e negócio informal que realizam em frente da casa em pequenas bancas que serve de apoio ao rendimento familiar e pequenos xitiques diárias que são efectuadas entre mulheres da vizinhança.

1. Introdução

Neste trabalho pretendemos abordar sobre “Percepções e representações do trabalho doméstico efectuado pelas mulheres donas da casa¹ no Bairro das Mahotas”. Constitui o nosso objectivo a compreensão dos significados do trabalho efectuado pelas donas da casa bem como captar percepções e representações sobre o trabalho efectuado por donas da casa.

Especificamente pretendemos: (i) Identificar as actividades que as mulheres realizam como trabalho doméstico no seu quotidiano no Bairro de Mahotas; (ii) Descrever as praticas que as mulheres realizam como trabalho doméstico no Bairro da Mahotas em Maputo e; (iii) Analisar as percepções e representações que estão por detrás do trabalho doméstico de mulheres donas de casa.

Para a materialização do nosso objectivo, utilizamos métodos de recolha de dados a observação directa e as entrevistas semi-estruturadas.

As abordagens sobre o trabalho referem que as relações de trabalho são codificadas pelas relações familiares e marcadas pelas distinções de género. Contudo, Simões (2002) afirma que a categoria género é pensada como lugar estrutural onde se hibridizam relações familiares, intimas, afectivas, e relações de trabalho, em que interagem classes e grupos desiguais.

Sobre a hibridação das relações familiares, Paulino (2004), refere que o feminismo, enquanto movimento social, criou condições necessárias para que o trabalho realizado pelas donas de casa fosse considerado uma actividade relevante, ou seja, um trabalho com valor social não e económico.

É por meio da divisão sexual do trabalho que os indivíduos são socializados e que permite a distinção entre homem e mulher, criando não só os papéis de cada um mas também a identidade projectada pela sociedade. A naturalização da divisão de trabalho por parte das mulheres é suportada por um discurso paterno que ao mesmo tempo que veicula uma representação

¹ Bruschini (2006) considera mulheres donas de casas as que exercem actividades não remuneradas que consomem maior parte do tempo na família e declaradas como principal ocupação nos cuidados da casa, actividade agrícola e tem uma banca feita em casa.

tradicional dos papéis dos homens e de mulheres, retira às mulheres a responsabilidade da sua vida e o controlo das decisões (Osório 2007).

A divisão do trabalho não é apenas pensada como actividades de homens e de mulheres, mas onde os valores culturais e a ideologia do género determinam a alocação das mesmas a cada sexo, como também as regras de distribuição dos produtos provenientes do desempenho destas actividades (Loforte 2000:115)

Estudos realizados pela WLSA (1998), argumentam que a mulher é o membro da família que garante a continuidade das relações de parentesco através da educação das crianças, através das relações de rivalidade e de cumplicidade com outras mulheres da mesma parentela, e através das actividades que desenvolve na esfera doméstica

Assis (2002) em concordância com a explanação da WLSA (1998) salienta que, é na organização familiar que as relações de personalidade e reciprocidade aliados ao trabalho assalariado, hierarquia e desigualdade de classes possibilitam que o trabalho doméstico torna-se assim o espaço onde se reproduzem atributos e sentidos comuns de feminilidade, onde se actualizam identidades femininas possíveis.

É nestes pressupostos que Saraceno e Naldini (2003) argumentam que o trabalho doméstico mostra na família como produto de um espaço mas também como produto de um trabalho contínuo, minucioso, diversificado, geralmente efectuado pelas mulheres adultas na sua qualidade de esposa e mãe.

Conforme Bruschin (2006), em virtude da maior difusão e aceitação social da função reprodutiva das mulheres, o trabalho de dona de casa costuma ser declarada como a principal ocupação da respondente, a não ser que ela exerça outras actividades claramente identificadas como profissionais, seja porque são remuneradas, seja porque consomem a maior parte de seu tempo.

Os papéis sociais que se configuram na mulher e no homem são condicionados pela organização e estrutura familiar. Autoras como Osório e Temba (2004) constataram que os programas de reajustamento estrutural e da diminuição do papel do Estado têm contribuído para a diversidade de organização social acentue a inscrição da família na modernidade no qual a mulher transfere o seu papel tradicional para esfera pública devido a sua presença no mercado do trabalho.

Vários estudos sobre actividades feitas na família procuram explicar a relação existente entre as mulheres donas de casa e o trabalho doméstico sob modelos fechados, afirmando a existência da invisibilidade do trabalho mulher por que é realizado no âmbito doméstico. Paralelamente a esta abordagem, o trabalho doméstico é pensado na perspectiva Marxista que analisa a condição da mulher sob ponto de vista de ganhos económicos (Bruschini, 2006).

Alguns estudos, olham para papéis normativos, prescritos, de convenções sociais, desconsiderando as experiências das mulheres nas suas histórias e suas interpretações sobre a construção dos seus espaços e pouco se abordou acerca da passividade das mulheres frente à sua opressão ou da sua relação, apenas como resposta às restrições de uma sociedade patriarcal. (Ferreira, 2009).

A problemática nasce também pelo facto de que o trabalho doméstico de donas de casa era desqualificado como não trabalho, uma vez que não é remunerado, e que as actividades no espaço público eram super valorizadas, como o trabalho fora, em troca de remuneração ou salário.

Perante esta dicotomia, as mulheres foram destinadas às funções nos espaços privados, enquanto os homens tiveram acesso aos espaços públicos de trabalho. As funções valorizadas eram as exercidas nos espaços públicos, de decisões políticas, enquanto os trabalhos realizados nos espaços domésticos, privados, foram sempre considerados de menor valor (Lago 2009).

Nosso interesse pelo tema é procurar compreender a o valor simbólico que as mulheres atribuem aos trabalhos feitos em casa, em interacção no espaço familiar.

Muitas pesquisas focaram o trabalho doméstico de donas de casas e de empregadas domésticas dando maior ênfase aos trabalhos remunerados, negligenciando o papel social que este tem e não tendo explorado com profundidade, esta temática (Aguiar, 1984).

Em termos de estrutura o trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo encontramos a introdução onde se faz apresentação geral do tema, do objectivo geral e específicos da justificativa e a problemática; no segundo capítulo o enquadramento teórico sobre percepção e representação do trabalho doméstico.

Segue no terceiro capítulo a metodologia usada como fio condutor para o alcance dos objectivos previamente definidos, constrangimentos que tivemos no terreno e a caracterização do bairro, onde temos a localização geográfica do Bairro.

No quarto capítulo apresenta-se os resultados da pesquisa. Aqui descreve-se as actividades feitas pelas donas de casa, a divisão sexual do trabalho e dos cuidados para com as crianças e por fim apresenta-se a conclusão e as referências bibliográficas

2. Conceitos chaves

Neste capítulo faz-se a apresentação dos principais conceitos operatórios que vão permitir explicar o objecto de estudo. Primeiro, vão-se definir conceitos como percepção, representação, família e trabalho doméstico. Estes conceitos vão auxiliar na clarificação dos objectivos que cada capítulo apresenta como vai-se ver ao longo do estudo. Muitos autores trazem diversas dimensões para explicar os conceitos que nós empregamos, entretanto, neste estudo privilegiou-se alguns autores que estão em coadunância com os objectivos deste estudo.

- **Percepções**

O conceito de percepção constitui um conjunto de instrumentos que permite-nos captar as estruturas que se relacionam com a forma comportamental das sociedades. É uma ferramenta muito importante que possibilita-nos apreender as estruturas cognitivas que operam numa sociedade.

Neste processo, percepções são entendidas como elaboração mental e consciente a respeito de determinado objecto ou facto, seja classificando, distinguindo ou privilegiando alguns dos seus aspectos, quer ao associá-lo a outros objectos ou contextos. Não é uma mera contemplação passiva, mas sim pressupõe uma acção activa dos intervenientes (Ferreira 1999:203).

Algumas pesquisas realizadas definem percepções como sendo síntese das sensações que permite-nos obter a qualidade dos objectos e seus efeitos sobre nós. É pensada também como sendo através do qual se aprendem as estruturas que integram o meio comportamental ou fenomenal e ou, como processo destinado a extracção de informação (Chauí, 1996 e Silva et al 1986)

- **Representações**

Representações sociais aqui apresentadas constituem um instrumento metodológico eficaz para a colecta e a análise dos dados e tendo como finalidade o entendimento das relações sociais e culturais estabelecidas colectivamente entre os indivíduos numa sociedade. Permite um entendimento dos fenómenos nas relações que as comunidades estabelecem no seu quotidiano.

As representações sociais podem ser definidas como imagens construídas sobre o real e que são elaboradas na relação dos indivíduos em seu grupo social, na acção no espaço colectivo comum a todos, sendo assim, diferente da acção individual (Minayo, 1994:108).

Neste contexto, as representações sociais, vão permitir nos captar e colectar como os indivíduos organizam suas imagens, histórias e linguagens em actos e situações que lhes são comuns.

Como frisou Araújo (2008: 100) apud Moscovici (1978:25) as representações sociais não são meras reproduções da realidade. Elas vão mais além, por que resultam de uma lógica em que os elementos são interpretados e passam por uma reconstrução, sendo-lhes atribuído um significado específico, cujos aspectos podem ser cognitivos, emocionais e afectivos. Desse modo, a realidade é conhecida, remodelada e representada, fazendo parte das relações cognitivas do grupo. O processo de formação das representações sociais tem como princípio a familiarização do que é desconhecido pelo grupo.

- **Trabalho doméstico**

Diversos autores de várias identidades sociais, elaboraram seus instrumentos de análise sobre a noção do trabalho e neste centramos na noção do trabalho doméstico.

Alguns estudos realizados por Arthur e Loforte (1995) e Bruschini (2006) consideram que as actividades domésticas são feitas pelas mulheres e ajudam a cumprir com seu papel de mãe, cuidar da casa e dos filhos. O conceito de trabalho doméstico irá permitir identificar as tarefas que são realizadas, onde, se compõe não apenas de uma multiplicidade de tarefas como limpeza, arrumação, vestuário, mas inclui a socialização das crianças e a manutenção dos laços familiares (Hirata (2002).

Como observa Simões (2002), os movimentos feministas da década setenta de inspiração marxista, concebiam o trabalho doméstico em oposição ao trabalho assalariado, fundamentando-se nas noções do trabalho produtivo e improdutivo, distinguindo o espaço privado do público. Contudo estes movimentos salientaram a importância do trabalho doméstico na reprodução social, na família e no parentesco.

A noção do trabalho doméstico é definida através das tarefas do cuidado e da reprodução da vida, que se funda na divisão sexual de trabalho, funcional e integrado ao modo de produção capitalista, ou seja, o trabalho doméstico é um mecanismo de dominação patriarcal onde a exploração económica das mulheres no interior da família, apoia-se sobre a sua exploração no mercado capitalista de trabalho (Hirata 2007:12).

Como frisou Àvila (2007:14), do trabalho doméstico, duas formas de prática devem ser tratadas: o trabalho doméstico enquanto emprego, isto é, como trabalho remunerado, como venda de força de trabalho para outras pessoas, portanto, como relação mercantil e trabalho doméstico não remunerado, no interior da própria casa e do contexto familiar com as divisões de tarefas presentes que constitui a nossa abordagem.

- **Família**

A noção da família, está intimamente ligada à cultura, pois cada sociedade possui seu conceito sobre valores, e a mesma sociedade cria o sentido dos valores da família, a responsabilidade, os deveres e privilégios de cada membro constituinte da família o que nos permite captar o tipo e a estrutura social das famílias aqui analisadas.

Estudos feitos por Loforte (1995) afirmam que entre os Tsongas, o modelo de parentesco era caracterizado pela existência de grupos domésticos intitulados munti, constituídos por homens da mesma linha, pertencentes a gerações diferentes e pelas suas esposas pertencentes a outras linhagens, igualmente patrilineares, seus respectivos filhos. Esta noção não é cabal e funcional, uma vez que não abrangem outros indivíduos que não sejam da mesma parentela e que não são esposas.

Como frisou Durham (1988), o conceito de família implica não apenas em questões referentes a casamento, co-residência, tamanho, composição e organização dos grupos doméstico-familiares, como também no que tange às relações de poder entre homens e mulheres; relações de poder entre adultos e crianças; atividades domésticas; sexualidade e relações sexuais; procriação; maternidade e maternagem; paternidade; relações entre irmãos; definições de parentesco, gênero, autoridade, dependência, serviço; relações económicas entre outras.

Estudos feitos pela WLSA (1998), consideram que “família é um agente da socialização que produz e reproduz valores, regras e sanções que visa desenvolver conformidades geradoras de coesão, independentemente do meio que pertence”. A este respeito, podemos entender família como espaço onde se desencadeiam os principais acontecimentos da vida humana e como grupo social com origem no casamento compreende o marido, esposa, filhos nascidos dessa união e, eventualmente outros parentes aglutinados a este grupo (Guiddens 2008).

Em relação a perspectiva da mulher, compreendem-se que família como primeiro meio de pertença, é o lugar onde se define o papel e a função das pessoas, onde se estrutura e hierarquizam os valores, onde se configuram os comportamentos, onde se prepara o destino. É na família onde as mulheres aprendem e reconhece-se na imagem de mãe e esposa (dona de casa), contrapondo a sua fragilidade e dependência à força e à autoridade masculina (Osório e Temba, 2003:170).

Osório (2007:23) observa que é pela socialização em casa e na escola que os valores considerados como correctos pela sociedade, no seu conjunto, se vão inculcando e instalando em cada um de nós.

Alguns estudos realizados constataram que a conjugação diferenciada dos elementos de mudança não permite identificar a existência de uma forma de família dominante, tanto do ponto de vista da sua composição como dos elementos estruturantes e constata-se o surgimento de novas residências e surgimento de novos meios de pertença que reorientam e redefinem algumas das representações e práticas sociais dos membros da família (Osório e Temba, 2003:170)

Alguns estudiosos afirmam que todos que trabalham na família, as percepções sobre as tarefas domésticas realizadas pelos membros são variados. Se para alguns é normal a divisão igual do trabalho, para outras a partilha do trabalho é muitas vezes objecto de culpabilização, que entendem como ajuda e favor por que o trabalho doméstico realizado pelos outros (Osório 2007).

A mesma autora na sua obra “Poder Politico protagonismo Politico” aponta para aprendizagem expressa na família por meio divisão de trabalho e na distribuição da autoridade, tem como consequência a configuração e funções que definem o destino feminino. As suas competências preparam-na para aceitação/conformismo da submissão. Ser dona de casa, mãe e esposa constitui para a mulher o cumprimento de uma missão, essência da natureza feminina.

Arthur e Mejia (2007:172) observa que, tratando-se das experiências de mulheres na família, é necessário ter em conta que elas são moldadas pelas estruturas que organizam a sociedade e dão sentido às práticas, ou seja, as vidas das mulheres só são inteligíveis como resultado das maneiras de produzir sentido, disponíveis em determinado contexto histórico.

Osório (2007:330) argumenta que em relação à divisão² de trabalho no espaço doméstico foram encontradas três tendências: a da realidade urbana num contexto de escolas públicas mais prestigiadas, onde assalariados substituem os membros da família no trabalho doméstico; uma segunda em que a divisão de trabalho é partilhada em certas condições pelos dois sexos e, uma terceira que cabe as mulheres a realização das principais actividades domésticas.

Género

O conceito de género é um instrumento metodológico que nos permite compreender como são estabelecidas as relações de sociais entre homem e mulher, outros membros da família, e como o modo de vida e da divisão de tarefas é estruturado no contexto familiar.

A concepção de género sempre foi pensada na perspectiva da inclusão do par dicotómico homem e mulher, deixando de lado as relações que se estabelecem entre homens e entre mulheres. Este paradigma era limitado não apenas no âmbito da sexualidade como também nas outras relações sociais.

Pesquisas realizadas, mostram que o modelo também fazia da construção social das diferenças sexuais um objecto de estudo, o tratamento das diferenças de género apenas enquanto dados, e limitava-se severamente as possibilidades de estranhar a ideologia de que o desempenho social de mulheres e homens é natural tornando difícil a sua definição (Suarez 1984).

Foi necessário observar e descrever o que as mulheres realmente fazem e o que pensam em vez de escutar o que outros dizem acerca do que elas fazem e pensam, para encontrar um modelo

² Lago et al 2009, considera que o conceito de divisão social do trabalho está apoiado em dois princípios: 1) Princípios da separação que existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e 2) princípio hierárquico, pois o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher.

adequado para captar e perceber as relações decorrente no espaço familiar que estruturam homens e mulheres.

Podemos perceber que a noção do género refere-se às relações sociais entre homens e mulheres que emergem do papel que lhes é atribuído pela sociedade. É uma categoria destinada a abranger um conjunto complexo de relações sociais e exprime um conjunto de processos sociais, historicamente variáveis e em transformação (Muianga, 2010:190).

Bagnol e Mariano (2011: 46) apud Scote (1989) constataram que género é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como a forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre às mudanças nas representações de poder, mas as direcções das mudanças não segue necessariamente um sentido único.

Em concordância com Lagos (2009) podemos afirmar que género é uma construção social, que depende dos costumes de cada lugar e sociedade, da experiência quotidiana das pessoas deste lugar, variando de acordo com as leis, as religiões a maneira de organizar a vida familiar, a vida de cada povo ao longo da história.

Consideramos relevante captar a dimensão do género, na medida em que permite identificar o tipo de actividades para as quais homens e mulheres têm realizado na família. Nesta perspectiva, nosso estudo aborda o trabalho doméstico nas suas múltiplas dimensões com enfoque específico para as mulheres donas de casa.

3. Metodologia

Para a materialização do nosso objecto de pesquisa fizemos a revisão bibliográfica, e adoptamos como estratégia metodológica do estudo a pesquisa qualitativa de natureza descritiva analítica. Abordamos a família e as actividades domésticas focalizando o universo de mulheres em articulação com este espaço.

A pesquisa realizada decorreu da seguinte maneira: A primeira parte consistiu na recolha e leitura de material bibliográfico sobre o tema em estudo e a elaboração da proposta do projecto de pesquisa. Na segunda parte realizou-se o trabalho de campo que teve a duração de três meses entre Agosto a Outubro de 2011, onde se recolheu dados empíricos em relação as actividades da mulher dona de casa e do seu quotidiano no Bairro das Mahotas, cidade de Maputo.

A terceira parte foi a de análise e interpretação dos dados obtidos no terreno que culminou com a redacção do relatório de pesquisa. A revisão bibliográfica e a consulta documental permitiram por um lado, a sustentação dos conceitos articulados como a interpretação dos resultados e da identificação das categorias que foram analisados. Realizamos entrevistas num universo de dez (10) mulheres donas de casa residentes no Bairro das Mahotas. São mulheres casadas que não têm emprego profissionalizado. Neste grupo de mulheres, o nível de escolaridade situa entre o primário do segundo grau e a décima classe compreendidas entre 28 a 45 anos de idade e, em anexo os nomes das pessoas entrevistadas.

A entrevista semi-estruturada tem como vantagem a descrição por parte dos informantes aspectos afectivos e valorativos que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. Permite ao pesquisador colocar um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (Minayo 1996).

Foi através de encontros regulares entre o pesquisador e chefes de quarteirões que tivemos acesso às mulheres cujos relatos ajudaram a sustentar o argumento que permitiu a elaboração do presente relatório. E diante deste processo a utilização da bola-de-neve para melhor encontrar informantes que correspondiam ao objecto de estudo foi primordial.

Autores como Burguess (2001:57), Moreira e Callefe 2006), constataram que o uso da bola-de-neve, permite ao etnógrafo, envolver-se com um pequeno grupo de informantes a quem é pedido

que ponham o investigador em contacto com os seus amigos, os quais são subsequentemente entrevistados, pedindo-se-lhes igualmente que indiquem outros amigos a entrevistar.

Segundo Selltiz (1987) a finalidade da pesquisa é de certa forma descobrir respostas para algumas questões mediante a aplicação de métodos científicos numa determinada comunidade.

Quanto a metodologia de estudo, adoptamos a pesquisa qualitativa que na antropologia opera com significados, motivações, valores e crenças. Para Günther (2006) a pesquisa qualitativa é uma ciência baseada em textos, ou seja, a colecta de dados produz textos que nas diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente.

Segundo Peirano (1995:135), o saber antropológico é formado por meio da etnografia que dá ênfase no contacto directo entre o pesquisador e o pesquisado, o que a torna uma prática etnográfica que só a etnografia permite perceber o que representa o saber antropológico como forma de conhecimento.

Foi possível observar mulheres a realizar tarefas domésticas como na casa da dona Maria Tembe, a lavar pratos, lavar a roupa, a cozinhar, a dar banho as crianças que iam a escola, a pilar amendoim, e a cuidar das galinhas. As perguntas eram feitas enquanto o pesquisador estava sentado na sombra de mafureira enquanto a informante realizava as suas tarefas diárias.

Uma das vantagens da utilização observação como técnica de pesquisa é a possibilidade de um contacto pessoal do pesquisador com o objecto de investigação, permitindo acompanhar as experiencias diárias dos sujeitos e aprender o significado que atribuem à realidade e as suas acções (Lima 2005).

Para May (2001) na observação, o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele contexto e participa nas relações sociais e procura entender as acções no contexto da situação observada.

A entrevista é definida segundo como um processo de interacção social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objectivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado (Haguette 1999).

Neste contexto, optamos pela entrevista semi-estruturada, na qual as informantes descreveram suas experiências de vidas, actividades que realizam e dos significados que atribuem as tarefas.

Como frisaram Moreira e Callefe (2006) a entrevista semi-estruturada exerce um certo tipo de controlo sobre a conversa, oferece uma oportunidade para esclarecer qualquer tipo de resposta quando for necessário, o que permitiu um diálogo aberto com nossas informantes.

3.1 Constrangimentos

Durante a realização do trabalho houve algumas dificuldades, relacionadas com a presença e ao mesmo tempo em ceder entrevista por parte dos nossos informantes. As entrevistas eram muitas da vezes interrompidas devido a realização das actividades domésticas e, por mesma razão, as pessoas alegavam falta de tempo para procederem com a entrevista.

O registo das observações foi muito difícil de ser realizado no momento em que as entrevistas aconteciam. Quando se faziam algumas anotações, as mulheres donas de casa teciam comentários em sinal de preocupação com que se escrevia.

Outra dificuldade encontrada no terreno esteve relacionada com a presença de homens que simplesmente preocupavam-se com assuntos ligados directa e/ou indirectamente às mulheres e não a eles; pese embora ter se explicado que o trabalho estava direccionado somente aquele grupo, mesmo após várias insistências sobre razões e objectivo do estudo. Aliado ao factor acima descrito, esteve patente a desconfiança das informantes em relação a própria pesquisa.

Uma das formas de ultrapassar as barreiras criadas pelas entrevistadas, foi a insistência em explicar o objectivo do trabalho e do interesse pelo estudo para além de se ter criado confiança, uma vez que efectuaram-se várias visitas as mesmas informantes.

3.2 Localização da área de estudo

A nossa área do estudo localiza-se no bairro das Mahotas no actual Distrito Municipal KaMavota, na cidade de Maputo. Apresenta como limites a Norte o bairro de Albazine, por duas vias não denominadas e por uma linha imaginária que atravessa uma zona pantanosa; a Sul com o bairro 3 de Fevereiro e pelas ruas 4078 e 4816; a Este com o bairro de costa do sol e, a Oeste com o bairro de Magoanine “A” e pela avenida Coronel General Marcos Mabote.

Para além do bairro da Mahotas, no Distrito Municipal KaMavota podemos encontrar os Bairros de Mavalane “A” e “B”, FPLM, Hulene “A” e “B”, Ferroviário, Laulane, 3 de Fevereiro, Albasine e Costa do Sol.

Neste Bairro vive cerca de 42564, onde 20524 são homens e 22040 são mulheres com particular destaque pelo facto de se localizar perto de localizar em áreas em que a actividade agrícola ainda é muito fundamental para a área económica. Os nossos entrevistados são oriundos de diversos cantos do país, que para além das famílias mais antigas onde as casas são de construções com materiais precárias ou de baixo custo, mas que verifica-se nos últimos anos um aumento de famílias e novas construções de residências de material convencional.

Em relação às infra-estruturas sociais, encontramos no Bairro, três (3) escolas comunitárias, uma (1) escola do primeiro grau (EPI) e uma do segundo grau (EP II), dois (2) postos de saúde (um estatal e outro privado), quatro (4) associações agrícolas, doze (12) fontenárias, dois (2) campos de futebol, cinco (5) centros de alfaterias, cinco (5) furos de água e sete (7) ONG; em relação a infra-estruturas ligadas à Justiça, encontramos um Posta da policial e um tribunal comunitário.

Sobre a actividade económica, encontramos no Bairro dois tipos do comércio: o comércio formal que opera três (3) mercados, três (3) cooperativas agrícolas, dois (2) restaurantes, quatro (4) padarias, dez (10) carpintarias, uma (1) empresa, dois (2) talhos, seis (6) oficinas, três (3) bancos de micro-crédito, um (1) armazém de produtos alimentares, uma (1) estação de serviço, duas (2) farmácias, e cento e quarenta (140) lojas que podemos denominá-las de mercearias.

A título de exemplo, o comércio informal é praticado maioritariamente por mulheres que, em frente das suas residências montam pequenas bancas, vendendo produtos como hortícolas, frutas, produtos alimentares, material escolar, de limpeza/ higiene, vestuário, carvão entre outros.

As vias de acesso são na maioria escassas, optando pelo uso de vias alternativas como avenida Coronel-general Sebastião Marcos Mabote e a via dona Alice em terra batida.

No plano religioso encontramos os seguintes grupos no bairro: os que frequentam a religião crista sendo a maioria e a minoria na religião islâmica. A religião crista divide-se em várias ceitas cabendo a cada família a sua integração e incorporar novas formas de interação.

4. RESULTADOS DO ESTUDO: Percepções e representações sobre trabalho doméstico

Neste capítulo apresentamos as percepções e representações de mulheres em relação ao trabalho doméstico no Bairro das Mahotas.

Constatamos que o trabalho doméstico, está intimamente ligado ao conjunto das actividades que as mulheres realizam no seu quotidiano.

Pela observação notamos que são efectuadas várias tarefas quase idênticas que vão desde a limpeza do quintal, limpeza no interior das casas, lavagem da roupa e loiça da cozinha, confeccionamento de alimentos, cuidar das crianças ou seja, dar banho, preparar uniforme escolar, acompanhar ida e volta à escola, fazer compras no mercado, engomar roupa dos filhos e dos maridos.

A noção do trabalho doméstico deste grupo de mulheres é pensada a partir das actividades realizadas dentro da casa. Percebe-se como trabalho doméstico, todas as tarefas que a pessoa realiza dentro da casa, ou seja, todos os trabalhos feitos por pessoas que cuidam de casa, seja para benefício próprio ou trabalhar para outro indivíduo.

O trabalho doméstico é entendido a partir do ganho económico, tendo em consideração a relação que se estabelece entre as pessoas envolvidas. Neste caso, a actividade doméstica pode ser vista como um trabalho assalariado que ao fim de cada dia ou mês a pessoa tem um valor por receber.

Em termos da organização das tarefas, nota-se que não existe nenhum padrão específico, ou seja, todos os trabalhos são realizados de acordo com as condições condignas de cada dia. As tarefas estão na mente de cada um e algumas quase fixas e somente alteram-se no fim-de-semana.

As mulheres donas de casa vão à busca de água na fontenária e em alguns casos, há partilha da mesma torneira com vizinhos que possuem água canalizada, distribuída pelos pequenos operadores privados. Nalguns casos, estas tarefas são feitas com a ajuda dos filhos, usando carinhas de mão e as filhas colocam a lata de água na cabeça. Na fontenária, às vezes levam muito tempo devido há longas bichas existentes.

Outra maneira de perceber o trabalho doméstico, é a forma como são distribuídas as actividades no seio familiar. A divisão do trabalho configura-se em torno da idade ou sexo, havendo actividades pesadas para os mais crescidos no caso dos homens e para as mulheres, as tarefas ligadas a gestão da casa; embora existam filhos que exerce actividades que em princípio deviam ser realizadas por meninas nas famílias que não tem filhas.

Notamos que, no grupo de mulher estudada, não só cuidam dos afazeres de casa, como também preocupam-se com actividades económicas, como praticar pequenos negócios que contribuem para o rendimento familiar e realizadas com apoio dos filhos.

Constatamos que as mulheres donas de casa também gerem as casas e quase na sua maioria não repartem as actividades domésticas com os respectivos maridos. Em muitos casos, procuram cuidar de tudo para que os seus esposos encontrem a casa devidamente organizada.

Para as entrevistadas, o homem é o provedor de alimento; cabe a ele procurar o sustento da família e a mulher os cuidados da casa. Esta constatação encontra seu argumento pela forma como cada uma foi socializada, tendo em conta, o contexto em que se desenvolveram.

Para Osório (2004), a aprendizagem expressa na divisão de trabalho e na distribuição da autoridade na família têm como consequência, a configuração e funções que definem o destino feminino.

Existe uma estrutura que condiciona a vida das mulheres dentro da família e das responsabilidades que lhe são atribuídas. Arthur e Mejia (2007:172) consideram que, tratando-se das experiências de mulheres, é necessário ter em conta que elas são moldadas pelas estruturas que organizam a sociedade e dão sentido às práticas.

Existem também casos de famílias onde as actividades domésticas não são repartidas tendo em conta que não têm crianças. Neste caso, cabe a mulher dona de casa, a realização de quase todas as tarefas, excepto nos dias em que estiver doente e/ou no fim-de-semana que convida um membro da família que não vive na mesma casa para auxiliar em especial destaque para uma irmã ou sobrinha que pertence à família da esposa.

Notamos casos em que o marido vive com irmãos já crescidos e tendo filhos menores que ainda não estão na altura de ajudar nas tarefas da casa. Para este tipo de situações, cabe a dona da casa

a realização de todas tarefas e dos cuidados dos outros membros da família e de visitas que se fazem.

Pesquisas feita pela WLZA (1998) defendem que a posição que uma mulher ocupa quer nas famílias alargadas quer nas famílias nucleares, é definida a partir da divisão sexual do trabalho e com base na reprodução, um modelo em que a família ou seja, a mulher ganha identidade através da sua função de esposa e mãe, como garante de continuidade de uma determinada ordem social.

Na realização das tarefas domésticas, há sempre constrangimentos que se notabilizam no tempo gasto e uma vez que todas as actividades estão centradas na mulher mesmo quando tem apoio dos outros membros da família. Lamenta-se o facto de não dar por concluídas certas tarefas e as mesmas são realizadas no dia seguinte.

As tarefas incumbidas aos menores são posteriormente verificadas pela mãe, com intuito de certificar se de facto foram realizadas como era o desejado. As crianças podem varrer no interior da casa, mas nunca no quarto dos pais, essa responsabilidade pertence a própria mãe.

Outro dado não menos importante é a troca de experiência para aprendizagem entre grupos de vizinhança. Esta situação, verifica-se em momentos de ajuda em dias festivos, sobretudo, na cedência de utensílios domésticos.

A troca ou empréstimos de instrumentos do uso doméstico não abrangem todo o universo dos nossos informantes. Verifica-se grupos de vizinhança que não cooperam, que apresentam suas casas de alvenarias, com quintais bem guarnecidos e cujas donas possuem empregadas domésticas. As redes de entre ajudas estão presentes, através de pequenos xitique³ feitos diariamente com valores adquiridos na banca, que varia entre 150 a 250 meticais.

³ O termo xitique é usado como meio de poupança e um estímulo colectivo que força os associados a reservar determinada quantia para a aquisição futura de bens entre as partes envolvidas (Trindade 2011).

4.1. Significados atribuídos ao trabalho doméstico

Neste subcapítulo vamos analisar o significado atribuído ao trabalho doméstico e que são igualmente, descritas nas relações do género entre as famílias entrevistadas. Neste sentido, procura-se compreender o papel desempenhado pela mulher dona de casa na esfera doméstica no seu quotidiano.

Em relação ao género, Muianga (2010) refere as relações sociais entre os homens e mulheres emergem do papel que lhes é atribuído pela sociedade. E o papel incumbido a cada uma permitir-nos entender as tarefas exercidas pelas mulheres e as tarefas desempenhadas pelos homens.

O género é uma categoria que permite percebermos que tanto o homem como a mulher desempenham numa sociedade, de acordo com o contexto em que se inserem. Assim, o trabalho doméstico é analisado a partir da divisão sexual do trabalho e na forma como as relações são estabelecidas dentro da família.

Para Osório (2004), a aprendizagem expressa-se na divisão do trabalho e na distribuição da autoridade na família e tem como consequência a configuração e funções que definem o destino feminino. As suas competências preparam-na para aceitação/conformismo da submissão. Ser dona de casa, mãe e esposa constitui para a mulher o cumprimento de uma missão, essência da natureza feminina.

É com base na divisão sexual do trabalho que as mulheres estão sujeitas a todas as tarefas da família que incluem cuidar do próprio marido. Esta sujeição não se observa como carácter obrigatório mas, algo que foi adquirido ao longo da socialização da mulher e que ganha legitimidade no espaço em que se insere como afirma nossa entrevistada

...”Crescia aprender que a mulher é quem deve cuidar de todo o trabalho de casa. Via como a minha mãe se preocupava com o meu pai e com outros familiares que frequentavam a nossa casa e ajudava a minha mãe na cozinha, na limpeza e na busca de água e, agora que sou dona

*da casa, preparo água para banhar e pequeno-almoço para ele. Quando vai ao serviço, fico a orientar e a fazer tudo aqui em casa”)*⁴

Para além da mulher desempenhar as actividades muito relevante na esfera doméstica, que realiza no seu quotidiano, tem como outro papel não menos importante zelar pela boa aparência da casa, ou seja, manter a casa limpa e bem arrumada constitui orgulho por parte de quem cuida dela.

Em conversa com as entrevistadas, afirmaram que cabe à dona de casa avaliar o estado da casa, verificar se está em condições, Quando são os membros da família que realizam as actividades.

*...”Quando a pessoa faz algo que é do seu interesse sente-se bem, fico feliz ver a casa arrumada e limpa mas quando for por obrigação e ou a trabalhar seria diferente, faria mas com algumas reservas mas do que é meu faço com tanto prazer. Não podemos comparar as tarefas como algo que se ganha ou se perde, mesmo a pessoa que recebe dinheiro sente-se realizada quando chega em casa e encontra tudo em ordem e tem tal orgulho por que sabe que existe acima de tudo alguém que cuida da casa...risos por isso o homem fica mais feliz quando a mulher faz bem as tarefas de casa”*⁵

A divisão sexual do trabalho incumbiu à mulher dona de casa o papel de mãe, protectora das crianças, dos idosos e de outros membros que estejam a viver na mesma casa e cabe à ela efectuar visitas aos parentes e realizar outros serviços.

Loforte (2000), na sua obra intitulada “Género e Poder entre os Tsongas de Moçambique”, afirma que cuidar dos diferentes membros da família, como crianças, idosos, produção de bens e serviços para consumo do próprio agregado, compete à dona de casa, ou seja, na divisão de papéis sociais entre géneros se atribui às mulheres, as tarefas de reprodução doméstica, uma boa parte do seu tempo é dedicado à tenção dos familiares.

...”Eu é que cuido da casa, do nosso único filho e dos irmãos do meu marido. Eles já são bem crescidos, mas não ajudam em nada aqui em casa, mesmo quando meu marido está. Gasto muito tempo em cuidar da criança e preparar algo para meu marido para serviço e

⁴ Entrevista realizada no dia 12/08/2011. Argentina Feliciano de 34 anos de idade.

⁵ Entrevista realizada no dia 21/10/2011 Atalia Nhantumbo de 39 anos de idade.

*depois tenho que atender a eles. Posso demorar eles ficam a minha espera até regressar; o pior é que tenho que cuidar de um irmão que está sempre doente”*⁶.

Osório (2007) observa que todos os membros que trabalham na casa, as percepções sobre as tarefas domésticas realizadas pelos membros são variados. Se para alguns é normal a divisão igual do trabalho, para outras, a partilha do trabalho é muitas vezes objecto de culpabilização, que entendem como ajuda e favor o trabalho doméstico realizado pelos outros. Pela mesma natureza da divisão sexual do trabalho, existe por parte do homem a ideia segundo a qual, certas actividades da casa são exclusivas apenas para dona de casa. O facto de ser atribuídas aos outros membros da família pode criar situações de briga entre o casal. São tarefas como o cuidar do quarto do casal e de confeccionar refeições para o marido.

*Meu marido só passa refeição quando for eu a cozinhar e não aceita que minha sobrinha ou minha filha preparem algo para ele. Quando estou ausente tenho que procurar maneira de regressar cedo para preparar alimentos e nos dias que saio e volto tarde tenho de acordar cedo e preparar toda a refeição e às crianças colocam a comida na mesa. Ele zanga quando são as meninas a preparar comida e até pode dormir com fome porque há alimentos que ele não come, deve-se preparar farinha de milho e não arroz e as crianças ainda não conseguem”*⁷.

Realmente toda a mulher sente-se realizada quando observa que a sua casa está bem cuidada e arrumada e, é esta a parte simbólica que dignifica o valor da existência da dona de casa. No entanto, algumas mulheres sentem-se marginalizadas pelo facto de estarem simplesmente a desempenhar cuidados domésticos, mesmo tendo pequenos negócios que ajudam a ter ganhos económicos devido a sua sobrecarga.

Loforte (2000) observa que ao desempenhar uma outra actividade fora do lar, a execução do dever doméstico pesa fundamentalmente sobre as mulheres e condiciona a inexistência de tempo livre e uma grande sobrecarga de trabalho; reconhecem que trabalham muito, mas não predomina

⁶ Entrevista feita no dia 25/08/2011 .Julieta Massingue de anos de 28 anos de idade.

⁷ Entrevista realizada no dia 13/09/2011.Maria Augusto Tembe de 33 anos de idade

entre as mulheres, um sentido de injustiça, o que revela ainda uma forte naturalização sobre suas responsabilidades domésticas.

...”Nós gostamos do nosso trabalho mas as pessoas não valorizam porque dizem que o trabalho doméstico é apenas para pessoas que não estudaram muito e por isso não têm emprego, mesmo tratando-se do trabalho doméstico remunerado. Como dona de casa trabalho muito e fico sem tempo para realizar meus deveres pessoais e muito menos visitar amigos e família⁸”.

Estas afirmações reforçam aquilo que observamos durante o nosso estudo uma vez que verificasse que as mulheres têm longas jornadas de trabalho e actividades quase ininterruptas e apesar de terem apoio dos membros da família, são na maioria responsáveis pelo controlo e execução das tarefas domésticas.

4.2. Os cuidados e as actividades com as crianças

Neste subcapítulo, debruçar-nos-emos sobre os cuidados e actividades com crianças que as mulheres donas de casa realizam no seio da família.

Ser dona de casa constitui um princípio fundamental que a mulher ganha no seu contexto, sobretudo, baseado no tipo de socialização e, de acordo com Osório (2007), os indivíduos são socializados e que permite a distinção entre homem e mulher, cria não só os papéis de cada um mas, principalmente a identidade projectada pela sociedade.

Os cuidados com as crianças são gratificantes, na medida em que ter filhos segundo Loforte (1995) garante e condiciona a estadia/permanência da mulher no lar. Em relação ao papel dos cuidados das crianças, compete em primeira instância à dona da casa (mãe) e em segundo ao pai e outros membros da família.

Segundo WLSA (1998) do pai e da mãe, espera-se comportamentos e tarefas diferenciados de acordo com papel de cada um. É pela divisão do trabalho que as relações de género ganham toda a sua dimensão no sistema sexo/género construído socialmente

Loforte (2000) que escreveu sobre os papéis dos pais, afirma que à mulher compete-lhe gerar filhos, criar, amamentar e alimentá-los com alimentos que ela própria confecciona enquanto mãe.

⁸

Entrevista feita no dia 29/09/2011 . Delfina Monjane de 38 anos de idade.

...”Posso estar a realizar uma determinada tarefa, mas basta o bebé acordar tenho que criar condições para alimentar e aos outros vou dar banho e arrumar seu material e uniforme para acompanhar a escola. Os mais crescidos já conhecem o caminho e vão e voltam na companhia de amigos, as crianças constituem uma alegria na família”⁹.

Osório (2007) observa que é pela socialização em casa e na escola que os valores considerados como correctos pela sociedade, no seu conjunto, se vão inculcando e instalando-se em cada pessoa.

Nesta perspectiva, as crianças vão se socializando e desempenhando papéis que o meio lhes oferece e pela inclinação a do grupo que estejam próximos. Loforte (2000) afirma que as filhas trabalham associadas às mães, cozinhando, cuidando dos irmãos mais novos como também transportando água, enquanto aos filhos, cabe-lhes lavar loiça, varrer a casa e cuidar dos mais novos, ou seja, tem menos responsabilidade que as irmãs.

De acordo com pesquisas feitas pela WLSAMAZ (1998), dentro das relações do género como em relações da dominação, a mulher é reconhecida pela sua efectividade na parentela, projectando essa imagem na sociedade e satisfazendo-lhe as expectativas. As famílias preparam filhas e filhos para os papéis que devem desempenhar na divisão de trabalho, ocupando um lugar diferenciado nas estratégias familiares.

No estudo, observamos que em algumas famílias existem filhos que têm a mesma responsabilidade que as filhas ou mais que elas. Cozinham, cuidam dos irmãos mais novos, transportam água e realizam algumas actividades para o sustento da família e noutros casos em que só existe filhos homens, a divisão do trabalho vai de acordo com a idade.

De acordo com WLSA (1998), compete ao homem, providenciar os alimentos devido aos filhos, orientar a sua instrução e educação, prestar assistência moral, defender, representar, autorizar a praticar determinados actos que carecem da autorização ou consentimento deste, administrar os bens dos filhos menores e ainda emancipá-los. Papeis que estes não executam e atiram as responsabilidades nas mulhees.

⁹

Arcelia Mucavele 42 anos de idade, entrevista dada no dia 18/10/2011 Arcelia Mucavele de 42 anos de idade.

Nos actuais dias, pouco tempo são os homens que se dedicam a educar e orientar os seus filhos. Este papel é feito pelas mulheres, aliando as outras actividades da família. As entrevistadas reclamam o facto de homens não ajudarem não só nas tarefas da casa mas, também nos cuidados com as crianças.

...”Os homens não ajudam nas tarefas de casa, não sei se pensam que a mulher é que deve fazer tudo, ou por que crescem a saber que quem deve cuidar da casa é a mulher. Não cuidam dos filhos apenas querem saber da esposa o que acontece dia-a-dia, basta deixar dinheiro acham que é tudo; os filhos precisam do afecto dos pais mas eles andam sempre ocupados”¹⁰.

Esta apreciação que é feita pelo grupo de informantes, reforça a ideia da divisão sexual das tarefas e que encontra o seu argumento na socialização dos indivíduos e na diferenciação dos papéis. A tarefa de cuidar das crianças é papel atribuída à mulher e que a sociedade concebe a mulher pelo exercício das actividades e do afecto que dedica aos membros da família.

¹⁰

Ilda Mause de 45 anos de idade, entrevista feita no dia 7/10/2011.

5. Considerações finais

Neste estudo abordamos sobre Percepções e Representações sobre trabalho de Mulheres Donas de Casa no Bairro das Mahotas na cidade de Maputo. Definiu-se como objectivo geral analisar o significado que o trabalho doméstico tem para as mulheres donas de casa no Bairro das Mahotas. Para a materialização do objectivo privilegiou-se a abordagem qualitativa que permitiu obter uma concepção sobre o significado quotidiano no que pessoas fazem e interpretam como significado das suas acções.

As mulheres do Bairro percebem e representam de forma diferenciada o significado do trabalho doméstico, umas pautando pelas actividades que a mulher realiza na esfera doméstica e outras acrescentam a este, a dimensão económica enquanto trabalho remunerado.

Vimos igualmente que são na maioria as tarefas realizadas pela mulher dona de casa com apoio dos restantes membros da família. Constatamos que a divisão sexual do trabalho molda as relações de género neste contexto, mas que em outras situações está condicionada pela existência ou não de filhos na família.

Notamos que a nível das famílias a mulher dona de casa é responsável pelos cuidados dos membros da família, e os cuidados com filhos são na essência da responsabilidade da mulher, garante a educação, cuidados de saúde e da orientação moral dos filhos. As donas de casa reclamam pela ausência constante do homem na família e no apoio à realização das tarefas domésticas.

Constatamos que existem redes de ajudas entre a vizinhança nos grupos de mulheres, para além do apoio dado pelos filhos na venda de produtos montados nas bancas em frente das casas e outras actividades no seio da família.

Concluimos que no Bairro das Mahotas as mulheres atribuem ao trabalho doméstico um papel importante na organização, na realização das tarefas da e dos cuidados que oferecem aos restantes membros da família. Sentem-se realizadas pelo facto de cuidar das próprias casas o que lhes cria motivos de orgulho pela parte dos seus maridos e são também reconhecidos pela sociedade na qual estão inseridas e confere-lhes o papel de mães e donas de casa.

6. Referências bibliográficas

Arthur, M. e Loforte, A. 1995. “Conceitos Operatórios no Estudo da Família” In: *Famílias em Contexto de Mudanças em Moçambique*. 1ª Edição. Maputo: D.E.M.G/CEA.

Arthur, M. e Mejia M. 2007. “Da agressão à denúncia: análise de percursos de mulheres” In: Arthur, Maria José (Org). *Memórias do Activismo pelos direitos humanos das mulheres*. Maputo: WLSA Moçambique pp. 171 -183.

Ávila, M. B. 2007. “Notas sobre o trabalho doméstico” In: Lima e tal (Org). *Transformando a relação trabalho e cidadania*. São Paulo, Cut Brasil pp. 07-23.

Bagnol, B. e Mariano, E. 2011. *Género, sexualidade e praticas vaginais*. Maputo: DAA, FLCS, UEM.

Bruschini, C. 2006. Trabalho doméstico: inactividade económica ou trabalho remunerado. São Paulo. Revista Brasileira de estudos populares,

Chauí, M. 1996. *Filosofia*. (8ª edição). São Paulo: Ética.

Chipenembe, M. J. M. 2010. “Dinâmicas de género no mercado de trabalho doméstico na cidade de Maputo” In: Teles, Nair; Brás, Eugénio José (org). *Género e Direitos Humanos em Moçambique*; Maputo: Departamento da Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane, pp. 107 – 129.

Durham, E. 1988. “A Sociedade Vista da Periferia”. In: L. Kowarick (org.), *As Lutas Sociais e a Cidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 169-206.

Ferreira, A. B.H. 1999. Dicionário Electrónico – Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Geertz, C. 1998. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.

Guiddens, A. 2008. *Sociologia*. 6ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Haguette, T. M. F. 1997. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. (5ª edição). Petrópolis: Vozes.

- Hirata, H. 2002. *Nova divisão do trabalho: Um olhar voltado para a empresa e a Sociedade*. São Paulo: Boitempo.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. 1996. *Técnicas de pesquisa*. (3ª edição). São Paulo: Editora Atlas.
- Lago, M. C S. et all 2009. *Género, gerações e espaço doméstico: trabalho, casa e família*. Paideia. V. 19 (44). pp. 357-366.
- Lima, M. A. S. et al 1999. *Utilização da observação participante e entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem*. Revista Gaúcha Enfermagem, porto alegre, V. 20 pp. 130-142
- Loforte, A.M. 2000a. *Género e poder entre os tsongas de Moçambique*. Maputo: Promédia.
- Loforte, A M.2000b. “Mulher, tradição e modernidade”. In: Carlos Serra (dir.). *Conflitos e mestiçagem*. Maputo: Livraria Universitária, UEM. pp. 35-52.
- Loforte, A.M.1996. *Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). [Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Antropologia].
- May, Tim 2001. *Pesquisa social. Questões, métodos e processos*. Porto Alegre, Artemed.
- Minayo, M. C. S. (Org) 1996. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. (6ª edição). Petrópolis: Editora Vozes.
- _____1994. *As representações sociais e o imaginário sobre a cultura*.3 edição, São Paulo.
- Moreira, H. e Caleffe, L. G. 2006. *Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP& A.
- Muianga, B. S. 2010.” *Relações de Poder na Baixa da Cidade de Maputo: O Caso da Prostituição*”. In: Teles, Nair; Brás, Eugénio José (Org). *Género e Direitos Humanos em Moçambique*; Maputo: Departamento da Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane, pp. 189 – 222.

Neves, J. 1996. “Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades”. Revista Económica contemporânea. São Paulo: 13 (1): 135-158.

Osório, C. 2007a. “Crime e castigo”. In: Arthur, Maria José (org.), *Memórias do Activismo pelos direitos humanos das mulheres*. Maputo: WLSA Moçambique (1) pp. 23 -46

Osório, C. 2007b. “Identidades sociais/identidades sexuais: uma análise do género”. In: Arthur, Maria José (Org). *Memórias do Activismo pelos direitos humanos das mulheres*. Maputo: WLSA Moçambique pp. 327 – 338.

Osório C.2004. “Poder político e protagonismo feminino”. In Santos, Boaventura Sousa e Silva, Teresa Cruz: *Moçambique e a reinvenção da emancipação social*. Maputo: Centro de formação jurídico e Judiciaria. (1) 166- 180.

Osório, C. e Temba, E. 2003. “Justiça no feminino”. In: Boaventura de Sousa Santos e João Carlos Trindade (org.), *Conflito e Transformação Social: Uma paisagem das Justiças em Moçambique*, Porto: Afrotamento. (2) pp. 145-185.

Paulino, M. I. 2004. *Trabalho familiar: Uma categoria esquecida de análise*. Brasil: Revista de Estudo feminista.

Peirano, M. 1995. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Dumará.

Saraceno, C. e Naldini, M.. 2003. *Sociologia da família*. (2ª edição). Lisboa, Estampa.

Selltiz, C. et al 1987. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. (6ª edição). São Paulo: EPU.

SILVA, B. e tal (1986) *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Gétulio Varga.

Simões, J A. 2002. “Mulheres, diferenças e desigualdades”. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 17 (49): 149 – 153.

Suarez, M. 1984. “A problematização das diferenças de género e a antropologia”. In: Aguiar, Neuma, 1997. *Gênero e Ciências Humanas: Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Rosa Tempos, pp. 31-48.

Vala, J. e Monteiro, M. 1993. *Psicologia Social*. (2ª edição). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Wlsa. 1998. *Famílias em contexto de Mudanças em Moçambique*. Maputo: DEMG/CEA/UEM

Xavier, R. 2002. “Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis?” *Revista de Estudo Psicologia & Sociedade Pernambuco*. 14 (2): 18-47